

5 JUN 1977

## O GLOSO

# Problemas de saúde

**E** XCETO PELOS hipocondríacos, temos uma tendência a não falar, e a procurar não pensar, em nossos males do corpo. E quase uma superstição, como se mencionar a doença despertasse o sintoma, como se ir ao médico fizesse brotar o tumor.

**N**O PLANO individual, trata-se de atitude curiosa, de relativo interesse psicológico. Mas é lamentável verificar que ela se estende à saúde nacional, cujos graves e históricos problemas são periodicamente visitados pelo interesse da opinião pública — que costuma se apavorar com as epidemias e bocejar ante as endemias.

**N**UNCA HOUVE caso de se negar à saúde pública, em meios oficiais, a condição de tema prioritário — o que nunca foi razão para grande alento em face de uma inclinação generalizada, nesses meios, para se marcar com o selo da prioridade todos os problemas — mas raramente, até pouco tempo deu-se a essa condição qualquer consequência concreta em termos nacionais, independente dos esforços de dedicados médicos e sanitários. Inclusive, quase se formou uma tradição de considerar o Ministério da Saúde como ao quinhão destinado aos mais humildes primos das famílias eleitorais que chegavam ao poder no País.

**H**OJE NÃO é assim, mas décadas de má política criaram um atraso, humilhante para todos os brasileiros e fatal para muitos, que não está sendo fácil recuperar. E o tema perma-

nece impopular; até mesmo a Educação, antiga companheira de Pasta da Saúde, chama maior atenção, provoca mais atenção e (mesmo descontando-se os elementos negativos de reivindicações e promessas demagógicas e da balbúrdia em geral) de tudo isso extraí benefícios e avanço.

**J**A A MEDICINA e a saúde, faltam-lhe bandeiras, mesmo as rotas. No entanto, formam um setor no qual o desenvolvimento econômico e o social caminham juntos, sem discussão de procedência. Pois, numa mesma medida, tanto o progresso produz gerações saudáveis como a doença inibe o crescimento econômico (só num ano, por exemplo, a malária já custou ao Brasil 9 milhões de homens-dia de trabalho).

**O** DESINTERESSE pela saúde nacional passa a ser dramático quando se leva em conta que raros são os problemas de saúde que os órgãos especializados, federais, estaduais ou municipais, podem resolver sozinhos. Em geral, elimina-se um foco de doença não com remédios — que apenas curam pessoas já afetadas — mas com obras de saneamento e de abastecimento de água, com fornecimento de alimentação adequada, com apoio logístico de ministérios militares, e, acima de tudo, com a ajuda da comunidade. Pois não é possível educar quem não quer ser educado, e a grande tarefa de saúde pública, num país na situação do Brasil, é basicamente educativa.

**N**O EXTREMO oposto do espectro, há um tipo de interesse mal dirigido que leva a requintes e desperdícios que passam à distância das reais necessidades do povo brasileiro. Contava, há poucos dias, numa palestra, o Ministro da Saúde, Almeida Machado:

**“V**I UM HOSPITAL com 80 crianças metidas num porão sem uma janela, com apenas uma porta, e cuja direção achava que se tivesse uma Unidade de Tratamento Intensivo estaria em dia com a medicina... Temos comunidades hoje que viveriam melhor se seus habitantes dispusessem de um pedaço de algodão ou um pouco de mercúrio. No entanto, o que se observa com frequência sempre frequente são as comunidades que se voltam para o atendimento de uma elite, com seus complicados aparelhos, enquanto persistem as situações em que nem as necessidades mínimas são atendidas, seja no interior da Bahia, na floresta amazônica ou nos chapadões catarinenses.”

**O** MINISTRO, que prega “a volta de uma maior preocupação humanística” na profissão médica, está de fato chamando atenção para o fenômeno de uma medicina de muito apuro tecnológico e pouca responsabilidade social. O problema é provavelmente mundial, mas isso pouco importa — no Brasil, ele adquire proporções alarmantes, porque aqui a interiorização da assistência médica, pelas próprias

dimensões do País, é meta fundamental.

**O** MINISTÉRIO da Saúde não tem opositores à sua política de interiorização: de médicos — jovens e dispostos a praticar uma medicina simples; e de recursos — livres de imposições políticas regionais. E quem testemunha diariamente, como o carioca, as deficiências do atendimento médico numa cidade como o Rio — e, apesar de progressos recentes, essas deficiências são visíveis a olho nu tanto na rede municipal como na área de previdência social — não pode deixar de fazer uma idéia extremamente negativa do que seja a situação em pontos distantes dos grandes centros.

**O** BRASIL não é um grande hospital, como já se disse. Não é, porque lhe faltam leitos, remédios, curativos, pessoal, quase tudo que é necessário para merecer esse nome. E, como nosso objetivo de fato não é ser um grande hospital, bem aparelhado ou não, precisamos nos comportar, como comunidade, com mais inteligência e ânimo do que temos demonstrado até agora.

**A** ADVERTÊNCIA vale para todos, dentro e fora da estrutura do Estado. Em relação à saúde pública, temos faltado uma dose de espírito público e consciência das dimensões do problema. E, sem dúvida, um pouco de hipocrisia.